

A difusão do método de Lachmann em França: a edição da *Vie de Saint Alexis* de Gaston Paris (1872)

The diffusion of Lachmann's method in France:
the edition of Gaston Paris' *Vie de Saint Alexis* (1872)

La difusión del método de Lachmann en Francia:
la edición de la *Vie de Saint Alexis* de Gaston Paris (1872)

Marcello Moreira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)

moreira.marcello@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6827-2772>

RESUMO

O artigo que se segue tem por objetivo demonstrar como se deu a difusão do método de crítica textual de Karl Lachmann em França, após ele aí ter sido introduzido pelo filólogo Gaston Paris, especificamente por meio de sua edição do poema *Vie de Saint Alexis*, publicado em 1872. A edição parisiense do *Vie de Saint Alexis* inaugura a prática crítica baseada em uma edição de fato metódica, que deixa de lado como recurso extraordinário o emprego do *indivium* com o fim de selecionar variantes textuais. A edição crítica do *Vie de Saint Alexis* saiu no primeiro número de *Romania*, em 1872, e é nesse ilustre periódico que se pode acompanhar a lenta, mas persistente difusão do método lachmanniano em terras francesas e é essa lenta penetração o que se demonstrará por meio de nosso estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Método lachmanniano; História da filologia; Gaston Paris; *Vie de Saint Alexis*; Crítica de textos.

* Sobre o autor ver página 31.



ABSTRACT

*The following article aims to demonstrate how the diffusion of Lachmann's method in France took place after having been introduced there by the philologist Gaston Paris, especially by means of his edition of the poem *Vie de Saint Alexis*, published in 1872. Paris' edition of *Vie de Saint Alexis* marks the beginning of the critical practice based on a truly methodical edition, setting aside the use of *iudicium* as an extraordinary means to select textual variants. The critical edition of *Vie de Saint Alexis* was published in the first issue of *Romania* in 1872, and it is in this outstanding journal that one can trace the slow but steady diffusion of Lachmann's method in French lands, and this slow penetration is what our study aims to demonstrate.*

KEYWORDS: *Lachmann's method; History of philology; Gaston Paris; *Vie de Saint Alexis*; Textual criticism.*

RESUMEN

*El artículo que sigue tiene el objetivo de demostrar cómo sucedió la difusión del método de crítica textual de Karl Lachmann en Francia, después de haber sido introducido allí por el filólogo Gaston Paris, específicamente a través de su edición del poema *Vie de Saint Alexis*, publicado en 1872. La edición parisina de *Vie de Saint Alexis* inaugura la práctica crítica basada en una edición de hecho metódica, que deja de lado como recurso extraordinario el empleo del *iudicium* con el fin de seleccionar variantes textuales. La edición crítica de *Vie de Saint Alexis* fue publicada en el primer número de *Romania*, en 1872, y es en esta ilustre revista que se puede seguir la lenta, pero persistente difusión del método de Lachmann en tierras francesas y es esta lenta penetración lo que se demostrará a través de nuestro estudio.*

PALABRAS-CLAVE: *Método de Lachmann; Historia de la filología; Gaston Paris; *Vie de Saint Alexis*; Crítica de textos.*

1 A inércia da prática ametódica de edição de textos após a publicação da edição crítica da *Vie de Saint Alexis* por Gaston Paris em 1872

É preciso dizer que, a despeito da penetração do paradigma lachmanniano de filologia em França na segunda metade do século XIX por intermédio do esforço de Gaston Paris, sua imposição como forma paradigmática e científica do fazer filológico não se deu de forma imediata.

Quando da publicação do primeiro número de *Romania*, em 1872, mesmo ano de impressão da edição parisina do *Vie de Saint Alexis*, e a despeito de essa Revista querer se impor como um marco no estudo das literaturas românicas, estudo esse levado a termo de forma metódica, deparamo-nos, entre os textos aí saídos a lume, com alguns, de caráter ecdótico, em que os procedimentos de fatura de edições discrepam radicalmente daquele em que se baseou Gaston Paris quando da fatura do *Vie de Saint Alexis*.

Delisle (1872), em estudo que propõe editar poema de Baudri de Bourgueil, após nos apresentar a história da tradição textual desse poeta e das edições até então preparadas de seus poemas, para nossa agradável surpresa não realiza do poema que seleciona uma edição concorde com os princípios parisienses presentes no *Vie de Saint Alexis*, parecendo sua prática editorial muito mais com aquela que o próprio Gaston Paris criticara como a-científica. Vejamos em que se fundam as discordâncias entre as práticas editoriais acima referidas.

A tradição textual de Baudri de Bourgueil, tal como era então conhecida, constituía-se de um único testemunho, um apógrafo, composto no século XIII, com 152 folhas, repletas de poemas. Esse manuscrito pertencente a Alexandre Peteau foi vendido por ele com muitos outros à rainha Cristina da Suécia em 1650, de cuja biblioteca passou pouco tempo depois àquela do Vaticano, onde ainda se encontra depositado. As poesias de Baudri de Bourgueil teriam sido objeto do interesse de Mabillon ou de um de seus auxiliares, de que se retiraram versos publicados "no Suplemento à Diplomática e nos Anais da Ordem de São Bento" (DELISLE, 1872, p. 24).

Sabe-se que antes da venda de parte da coleção de Alexandre Peteau à rainha Cristina, o manuscrito que contém os poemas de Baudri de Bourgueil teria sido em parte copiado por André Duchesne, que fez publicar algumas de suas peças no quarto tomo do seu *Historiae Francorum Scriptores Coetanei*, impresso em 1641.

Quanto ao manuscrito Peteau, não despertou interesse ecdótico por muitos anos mais e em 1797 foi selecionado por comissários encarregados pelo papa de operar nos fundos vaticanos triagem de volumes a serem remetidos à França, permanecendo neste país até 1815, quando então retornou à biblioteca da Santa Sé, e a que se deu o número 1351 dos fundos da Rainha da Suécia no Vaticano.

Segundo Delisle (1872), por volta de 1850 um antigo aluno da *École des Chartes*, morto prematuramente, decidiu dar a público uma edição dos poemas de Baudri de Bourgueil e para tanto obteve uma cópia do manuscrito que pertencera a Alexandre Peteau, cópia essa que legou com o restante de seus papéis à biblioteca municipal de Tours. Não se pode saber se fez ele próprio a cópia depositada na Biblioteca municipal de Tours ou se mandou fazê-la, pois o texto de Delisle (1872) não nos permite produzir a desejada precisão. Segundo ainda Delisle (1872), foi de acordo com a cópia do manuscrito Peteau que a *Société des Antiquaires de Normandie* fez publicar o mais importante poema de Baudri de Bourgueil, aquele que se destina a Adèle, condessa de Blois, e que contém uma narrativa da conquista da Inglaterra realizada em 1066 (DELISLE, 1872, p. 24). Em seu artigo saído em *Romania*, Delisle (1872) nos informa que objetiva nele publicar um "quadro analítico das 254 peças contidas em sua recolha" (DELISLE, 1872, p. 24), ou seja, na cópia obtida por Salmon, o que faz; ao chegarmos à altura em que Delisle (1872) nos descreve o item CXCVI do manuscrito, ou seja, o famoso poema

dedicado a Adèle, condessa de Blois, ele nos informa em que publicações esse mesmo poema já fora dado a lume antes de ele se propor fazer dele uma nova edição, e, em seguida, expõe os critérios em que se baseou para a fatura de sua edição do poema. Vejamo-los:

É a partir da cópia disponível na Biblioteca de Tours que estabeleci o texto do poema dirigido a Adèle. Para os 88 primeiros versos, segui a lição que se encontra no tomo IV do *Scriptores* de Duchesne e no tomo CLXVI da *Patrologia Latina*. Para uma outra passagem (versos 235 a 560), me vali de uma outra cópia que pertenceu a Peteau. Importantes correções me foram fornecidas por M. de Saint-Maclou, que exigiu colacionar uma parte das provas com o manuscrito do Vaticano (DELISLE, 1872, p. 24)¹.

Se há o manuscrito datado do século XII, depositado nos fundos da Rainha da Suécia na Biblioteca do Vaticano, e se a cópia que pertencera a Salmon é nada mais do que uma cópia de manuscrito remanescente, não manda a boa filologia que os manuscritos *descripti* sejam devidamente postos de lado? Por que Delisle (1872), sabendo da existência de apógrafo do século XII, ainda assim se propõe editar o poema dedicado a Adèle a partir de uma cópia dele, datada do século XIX? Por que, ao mesmo tempo, salvaguardar a lição presente no quarto tomo do *Scriptores* de Duchesne, datado de 1641, edição essa baseada no manuscrito Peteau, mas somente a lição dos primeiros oitenta e oito versos, combinando-as com lições oriundas da cópia que pertencera a Salmon? E por que razão colacionar parte e somente parte das provas, objetivando correções, com o manuscrito que se encontra no Vaticano?

O que mais causa estranhamento é que esse artigo que nos apresenta um modo de editar totalmente avesso àquele defendido por Gaston Paris em sua edição da *Vie de Saint Alexis* tenha saído no primeiro volume de *Romania*, Revista essa editada por Gaston Paris e por Paul Meyer. Poder-se-ia falar de um certo ecletismo doutrinal, presente na páginas de *Romania*, ou antes de um ainda pouco conhecido método de editar, apresentado ao público francês na edição da *Vie de Saint Alexis*, que somente ganhará fôlego e força com o tempo, e que inaugura o metodismo filológico no mesmo ano em que *Romania* sai a lume e cujos artigos podem desconhecer ou até mesmo fazer ainda pouco caso desse metodismo?

¹ C'est d'après la copie disposée à la bibliothèque de Tours que j'ai établie le texte du poème adressé à Adèle. Pour les 88 premiers vers j'ai suivi la leçon qu'on trouve dans le tome IV des *Scriptores* de Duchesne et dans le tome CLXVI de la *Patrologie* de Migne. Pour un autre passage (vers 235 à 560), je me suis aidé d'une copie qui appartenait alors à Peteau. D'importantes corrections m'ont été fournies par M. de Saint-Maclou, qui a bien voulu collationner une partie des épreuves sur le ms. du Vatican.

O artigo de Delisle (1872) segue aquele inaugural, escrito por Gaston Paris, a que segue um da autoria de Paul Meyer; se o estudo de Gaston Paris objetiva explicar ao público o que se entende por campo românico, línguas românicas etc., (PARIS, 1872a, p. 01-22), o de Paul Meyer trata justamente de edição de textos, e, por essa razão, vamos analisar sua proposta de edição de *Tersin*, com o objetivo de verificar em que medida a filologia aplicada a textos que ele se propõe editar difere ou não daquela esposada na edição da *Vie de Saint Alexis*.

Segundo Paul Meyer, o *Roman de Tersin* nos foi conservado em duas cópias inscritas, contudo, em um mesmo manuscrito de Carpentras, de que ele já fizera uso em seu *Derniers Troubadours de la Provence* (MEYER, 1871); o manuscrito, "coté *Additions aux manuscrits de Peiresc*, n° 11" (MEYER, 1872, p. 52), foi descrito em detalhe por Lambert em seu excelente catálogo dos manuscritos de Carpentras, tomo III, p. 148 e seguintes (MEYER, 1872, p. 52). O manuscrito é miscelâneo, nele havendo peças muito díspares; os textos nele inscritos são peças ou da segunda metade do século XVI ou de princípios do século XVII; nele, o texto mais desenvolvido do *Tersin* (A) forma um pequeno caderno cujas folhas são numeradas de 22 a 25, estando a vigésima quinta em branco; a escritura parece datar do reinado de Henrique IV; no verso do fólio 25, uma mão do mesmo tempo escreveu: "*Burrae, quisquillae, merae nugae*. J'ai d'autre façon cette histoire" (MEYER, 1872, p. 52). O texto B do *Tersin*, escrito com letra grossa e mais elegante, está inscrito no início da recolha (MEYER, 1872, p. 52). Diante de duas versões do mesmo texto, copiadas em um mesmo manuscrito, que opção adotar para editá-los? Segundo Paul Meyer, os textos A e B do *Tersin* diferem tanto entre si, que ele acabou por preferir editá-los separadamente e justapô-los, produzindo ao mesmo tempo mecanismos para-textuais que salientassem e elucidassem essas diferenças:

Esses dois textos diferem sensivelmente um do outro pelo que me pareceu necessário os fazer publicar um frente ao outro. Para que alguém pudesse perceber mais claramente as diferenças, eu dou primeiramente o sumário do relato, sublinhando as passagens que são próprias de A, o mais longo dos dois textos. O pouco que é próprio de B é indicado por meio de palavras. A divisão em parágrafos numerados foi acrescida para facilitar as referências (MEYER, 1872, p. 52).²

Mesmo que o texto de A seja o mais longo, Paul Meyer não opta por ele, não o ajuizando *bon manuscrit*, no sentido que Joseph Bédier dará a essa

² Ces deux textes diffèrent assez sensiblement pour qu'il m'ait paru nécessaire de les publier en regard l'un de l'autre. Pour qu'on en puisse apercevoir plus clairement les différences, je donne tout d'abord le sommaire du récit, soulignant les passages qui sont propres à A, le plus étendu des deux textes. Le peu qui est propre à B est indiqué par des mots. La division en paragraphes numérotés a été ajoutée pour faciliter les références.

expressão anos depois, nem propõe produzir a partir dos dois um texto compósito por meio de uma sistemática colação e combinação de lições. Se nesses dois primeiros estudos publicados no número inaugural de *Romania* não há indícios do método de editar textos proposto por Gaston Paris em seu *Vie de Saint Alexis*, quando essa influência efetivamente se faz sentir na área de estudos ecdóticos aplicados a textos medievais em *ancien français* e em *langue d'oc*? No número de *Romania* saído a lume em 1874, há artigo de François Bonnardot que tem como objetivo apresentar a classificação dos manuscritos que nos transmitiram a gesta dos Loherains (BONNARDOT, 1874). Após afirmar que o número de manuscritos conservados dessa gesta é maior do que o de qualquer outra que nos tenha sido legada (“o número de manuscritos que nos conservaram essa gesta no todo ou em parte é mais considerável do que para qualquer outra canção”, BONNARDOT, 1874, p. 195)³, e após dizer que a pátria provável do “poema original” seja a Lorraine, especificamente os entornos de Metz, declara que justamente a abundância de manuscritos que no-la transmitiram dificulta sua classificação em famílias e sua organização em um *stemma*, ao tempo em que se atesta que as lições presentes nos muitos manuscritos são divergentes e muita vez contaminadas (“A abundância dos manuscritos é uma dificuldade a mais, assim como o número de lições divergentes ou contaminadas”, BONNARDOT, 1874, p. 196)⁴. A despeito dessa multiplicidade de testemunhos e das divergências de lição neles presentes, apresenta-se-nos ao final do estudo uma classificação dos manuscritos em duas famílias (BONNARDOT, 1874, p. 261), visando-se, é claro, a posterior consecução de uma edição nele baseada – conquanto o artigo de François Bonnardot não se proponha realizá-la, muito menos explicitar os princípios editoriais que de fato permitiriam sua consecução (conjectura-se que o método a ser adotado é aquele que se funda na recensão exaustiva de testemunhos e em sua organização de tipo parental).

Ainda no número de 1874 de *Romania*, nos deparamos com uma resenha crítica, que tem como matéria o conjunto de edições das obras de Jean, Sire de Joinville, preparadas por Natalis de Wailly, que informa os leitores incorretamente tanto sobre a proposta editorial de Natalis de Wailly para o conjunto da obra de Joinville quanto sobre os resultados efetivos a que ele chegou. Como os livros desse filólogo francês são importantes para demonstrar a demora na implantação do paradigma filológico germânico em França e a resistência de uma prática de editar ametódica, ater-nos-emos a eles por um breve instante. Em sua edição de 1865 da *Histoire de Saint Louis*, de Joinville, Natalis de Wailly principia o “Prefácio” afirmando que a língua de Joinville é obstáculo ao leitor do século XIX, sendo mais fácil encontrar cem pessoas que saibam ler bem latim do que uma só que conheça o francês do

³ “Le nombre des manuscrits qui nous ont conservé cette geste en tout et en partie est plus considerable que pour nulle autre chanson”.

⁴ “L’abondance même des manuscrits est une difficulté de plus, tellement les leçons sont divergentes ou mêlées”.

século XIII (WAILLY, 1865, p. I). A dificuldade da língua de Joinville move o filólogo francês a tomar a seguinte decisão: tornar-se intérprete (palavra que ele próprio emprega para nomear a si mesmo e à sua tarefa – “eu me decidi a fazer o papel de intérprete”, WAILLY, 1865, p. III⁵), intervindo tanto na ortografia, que ele transforma radicalmente, quanto nos âmbitos morfológico e sintático, ao trocar, por exemplo, expressões, que “desapareceram definitivamente dos 'nossos' dicionários” (WAILLY, 1865, p. III). Mas, e quanto às palavras desusadas que ainda se encontram em nossos dicionários? É preciso mantê-las no texto editado ou substituí-las por outras corriqueiras em nossos dias? Natalis de Wailly não opta por realizar uma substituição de todos os vocábulos dessuetos, independentemente de estarem ou não dicionarizados em nossos dias, nem por manter pelo menos todos os que estejam registrados nos dicionários, adotando, desse modo, uma prática mista, que não pode ter fundamento outro que não seja o juízo do editor, que, contudo, pede ao leitor benevolência e aprovação:

Eu não me sinto disposto a seguir absolutamente nem um nem outro sistema: eu antes me propus adotar uma certa medida entre esses dois extremos: é aos meus leitores que caberá decidir se eu tive êxito (WAILLY, 1865, p. IV).⁶

Segundo Natalis de Wailly, suas intervenções editoriais na ortografia e em estruturas morfológicas e sintáticas não alteram o “fundo” do texto original, mas somente sua “forma exterior”, sendo difícil entender como em um texto “poético” a intervenção modifica a forma exterior sem ao mesmo tempo não adular o fundo, mantendo-se o que o filólogo francês chama de “exactitude” do texto original: “[...] o texto que, em sua forma exterior, difere, sob certos aspectos e o menos possível, portanto, do texto original, o reproduz quanto ao fundo com uma escrupulosa exatidão”⁷, WAILLY, 1865, p. IV). A reprodução do texto dito “original”, supõe-se - conquanto também seja fruto do trabalho editorial de Natalis de Wailly frente aos manuscritos componentes da tradição do *Histoire*, de que cita dois membros que lhe serviram de base -, é resultante da atualização do que fora fixado por M. Daunou, em 1840, já que ele representa fielmente aquele do manuscrito mais antigo, portador de indubitável autoridade, com correções ocasionalmente feitas frente ao Manuscrito de Luca. Nesse sentido, as intervenções editoriais de Natalis de

⁵ “je me suis décidé à faire l'office d'interprète”.

⁶ “Je ne me suis proposé de suivre absolument ni l'un ni l'autre système; j'ai plutôt essayé de garder entre ces deux extrêmes une certaine mesure: c'est à mes lecteurs qu'il appartient de décider si j'y ai réussi”.

⁷ “le texte qui dans la forme extérieure diffère à certain égards et le moins possible pourtant, du texte original, le reproduit au fond avec une scrupuleuse exactitude”. Idem, p. IV.

Wailly modernizam o texto fixado sobretudo por M. Daunou, de forma ametódica, como visto acima, em que impera o gosto do editor:

Eu tomei por guia a excelente edição publicada por M. Daunou em 1840, no vigésimo volume do *Recueil des Historiens de France*, não há outra edição que represente o mais fielmente o texto do mais antigo manuscrito, com as variantes que nos fornecem os primeiros editores e o volume conhecido com o título de Manuscrito de Lucca.⁸

Se, como se disse, Natalis de Wailly, ao preparar sua edição de 1865 do *Histoire* de Joinville, intervém em um texto que fora fixado, sobretudo, por M. Daunou em 1840, fixação baseada na colação de dois testemunhos, ambos pertencentes à Biblioteca Imperial - o mais antigo (quota 13568) foi composto, segundo exame paleográfico, no século XIV, e o mais recente, depositado nos fundos franceses (*fonds français*) da mesma Instituição, no século XVI [este testemunho, segundo Natalis de Wailly, se caracteriza por atualizações/renovações, quando de sua fatura no século XVI (está em suma *rajeuni*) e por estar mutilado (*mutilé*) -, quando da nova edição dessa mesma obra, saída a lume em 1867 (WAILLY, 1867), por outro lado, ele teria fixado um texto totalmente diferente, fixação baseada na colação de três testemunhos, sendo um deles até aquele momento inédito.

Nessa nova edição, Natalis de Wailly assevera que dá a público um texto das obras de Joinville "mais correto e completo" do que aquele que até então se conhecia ("eu estou feliz de submeter ao público o que é realmente digno de sua atenção, o texto original de Joinville, mais correto e mais completo do que se conhecia até agora, WAILLY, 1867, p. X⁹). Essa correção e esse melhoramento só foram possíveis graças à descoberta de um novo testemunho a partir do qual foram corrigidas as lições faltosas dos outros dois testemunhos do *Histoire* e foram reparadas as lacunas textuais – o que torna a edição de 1867 preferível (*préférable*) às outras:

Como essa edição tornou-se preferível às outras; mas eu quero dizer aqui a razão principal, e é que, por uma felicidade inesperada, tive à minha disposição um manuscrito inédito com a ajuda do qual pude corrigir as más lições e preencher as lamentáveis lacunas (WAILLY, 1867, p. XI)¹⁰.

⁸ "J'ai pris pour guide l'excellente édition publiée par M. Daunou en 1840, dans le vingtième volume du *Recueil des Historiens de France*; il n'y en a pas qui représente plus fidèlement le texte du plus ancien manuscrit, avec les variantes que fournissent les premiers éditeurs et le volume connu sous le titre de Manuscrit de Lucques".

⁹ "Je suis heureux de soumettre au public ce qui est vraiment digne de son attention, le texte original de Joinville, plus correcte et plus complet qu'on ne le connaissait encore". Idem, "Préface", p. X.

¹⁰ "[...] comment cette édition est devenue préférable aux autres; mais j'en veux dire ici la raison principale, c'est que, par un Bonheur inespéré,

De que modo, no entanto, valeu-se Natalis de Wailly dos três manuscritos que compõem a tradição do *Histoire* de Joinville? Qual foi o uso efetivo que deu ao manuscrito inédito, desconhecido para fins editoriais, até a fatura da edição de 1867? Natalis de Wailly declara que no francês dos séculos XII e XIII ainda havia na escrita resquícios do antigo sistema de declinações latino; esse resquício implicava a inscrição ou não de um "s" ao final de vocábulos masculinos que participavam da segunda declinação a depender da "função" por ele exercida (*sujet* x *objet*) e do seu "número" (singular x plural). Desse modo, o vocábulo *peuple* era escrito, quando *sujet* e singular, *peuples*, por causa do nominativo latino *populus*, terminado em "s"; caso o mesmo vocábulo comparecesse em um sintagma como *objet*, teria de ser escrito sem "s", por causa da forma *populum*, acusativo latino terminado em "m"; no plural, caso o vocábulo *peuple* estivesse exercendo a função de *sujet*, teria de ser escrito sem "s", devido à forma latina *populi*; já o mesmo vocábulo, se *objet*, deveria no plural ser escrito com "s" por causa da forma acusativa latina *populos*:

Desse modo, o vocábulo *peuple* (povo) era escrito no singular, como sujeito, *peuples*, com um s, por causa de *populus*, e, como regime, *peuple*, sem s, por causa de *populum*; no plural, escrevia-se como sujeito *peuple*, sem s, por causa de *populi*, e, como regime, *peuples*, com um s, por causa de *populos*¹¹ (WAILLY, 1867, p. XVIII).

Segundo ainda Natalis de Wailly, essa regra de marcar de forma alternativa um dado vocábulo, apondo-lhe ao final um "s" (*sujet singulier et objet pluriel*), ou não (*sujet pluriel et objet singulier*), acaba por efetuar-se em relação a palavras outras, não pertencentes à segunda declinação latina, como é o caso, por exemplo, de *roi*: esse vocábulo, como se sabe, pertence à terceira declinação latina (*rex, regis*), mas em bom francês, escrito entre os séculos XII e XIII, deveria apresentar as seguintes formas: no singular, *rois*, quando *sujet*, e *roi*, quando *objet*; no plural, *roi* quando *sujet*, e *rois* quando *objet*:

A mesma regra se aplicava a muitos vocábulos cuja declinação era diferente em latim: dizia-se no singular *rois* (reis) para o sujeito, *roi* para

j'ai eu à ma disposition un manuscrit inédit à l'aide duquel j'ai pu corriger des mauvaises leçons et combler de regrettables lacunes".

¹¹ "Ainsi le mot *peuple* s'écrivait au singulier, comme sujet *peuples* avec'une s à cause de *populus*, e comme régime *peuple* sans s à cause de *populum*; au pluriel, il s'écrivait comme sujet *peuple* sans s à cause de *populi*, et comme régime *peuples* avec une s à cause de *populos*".

o regime, e no plural *roi* para o sujeito, *rois* para o regime¹² (WAILLY, 1867, p. XIX).

A par desses nomes que apresentavam quatro formas, havia aqueles outros que tinham somente três: a primeira para o sujeito singular; a segunda para o objeto singular e para o sujeito plural, e finalmente uma terceira para o objeto plural: *cuens, conte, contes*, ou ainda *bons, homme, hommes* (WAILLY, 1867, p. XIX), vocábulos em que a variação mórfica parece derivar dos imparissílabos da terceira declinação. Esse sistema de escrita, em que ainda se diferenciavam funções sintáticas por recurso a desinências casuais, não era, no entanto, um sistema universalmente em uso. Segundo Natalis de Wailly, os testemunhos que compõem a tradição do *Histoire* apresentam resquícios desse sistema, sem adotá-lo completamente, no entanto, o que o levou a pensar ser arbitrário, no caso de fixação do texto crítico, submeter todo o manuscrito 13568 à regularização ortográfica tomando por base esse sistema de casos: “compreender-se-á agora que seria uma operação arbitrária submeter o texto do manuscrito 13568 a uma ortografia cuja observação não foi jamais absoluta”¹³ (WAILLY, 1867, p. 15).

Natalis de Wailly reconhece que não se pode falar de ortografia na Idade Média, pois a escrita é variação, contrariamente ao que ocorre nos dias de hoje, quando todos se veem obrigados a escrever de uma mesma maneira. Essas variações na escritura não são o que ele chamaria de “erros reais”, a serem banidos do texto crítico fixado pelo filólogo; antes, o que se deve criticar nos copistas é a prática de mutilar os textos por omissões de toda sorte ou ainda pela realização de falsas leituras, que cumpre corrigir: “Mas o que é correto reprovar ao copista é que ele chegou às vezes a desnaturalizar o texto por causa de falsas leituras ou de o mutilar por omissões”¹⁴ (WAILLY, 1867, p. XXVII). São justamente esses erros, como omissões e más leituras, que Natalis de Wailly visa a sanar em sua nova edição do *Histoire*, valendo-se para tanto das lições dos três membros constituintes da tradição, os códices 13568 e o dito de Luca, assim como aquele inédito, designado por ele como manuscrito de M. Brissart-Binet:

Eis as faltas que eu me esforcei por remediar, ao comparar atentamente cada palavra do manuscrito 13568 com as lições correspondentes que

¹² “La même règle s'appliquait à beaucoup de mots dont la déclinaison était toute différente en latin: on disait donc au singulier *rois* pour le sujet, *roi* pour le régime, & au pluriel *roi* pour le sujet, *rois* pour le régime”.

¹³ “On comprendra maintenant que c'eût été une opération arbitraire que de ramener le texte du manuscrit 13568 à une orthographe dont l'observation ne fut jamais absolue”.

¹⁴ “Mais ce qu'on est en droit de lui (ao copista) reprocher, c'est qu'il lui est arrivé quelquefois ou de dénaturer le texte par des fausses lectures ou de le mutiler par des omissions” Idem, “Notice”, p. XXVII.

oferecem o manuscrito de Lucca e aquele de M. Brissart-Binet¹⁵ (WAILLY, 1867, p. XXVII).

Mas como se empreendeu a comparação das lições presentes nos três testemunhos acima referidos? Esse é o primeiro grande problema que salta aos olhos de qualquer filólogo acostumado a uma formação acadêmica fundada em aprendizado de procedimentos metódicos: Natalis de Wailly não nos apresenta critérios objetivos por meio dos quais tenha realizado a *collatio codicum* e a conseqüente *emendatio*. Quanto à ortografia, a despeito do que disse sobre a existência em *ancien français* de um sistema residual de casos sintáticos marcados por desinências, preferiu dar ao leitor um texto próximo do que se chamaria "francês moderno" (WAILLY, 1867, p. XXVII). Em sua nova edição do *Histoire* de Joinville, publicado em 1868, Natalis de Wailly retoma alguns dos lugares críticos que compareceram em sua edição de 1867; fala dos editores que trabalharam sobre a tradição textual do *Histoire*, antes dele, que teve a sorte, contrariamente a eles, de ter a seu dispor um novo testemunho, o manuscrito Brissart-Binet, que lhe permitiu empreender um sem número de correções (WAILLY, 1968). Aqui, ainda, não se informa o leitor sobre um procedimento metódico por meio do qual foram selecionadas as lições ajuizadas genuínas, o que faz supor que o juízo do editor é o único critério que lhe permitiu levar a termo os muitos melhoramentos oriundos da colação dos dois testemunhos conhecidos com o inédito Brissart-Binet:

O volume de que falo (Brissart-Binet) é como um segundo exemplar do manuscrito de Antoinette de Bourbon, mas um exemplar completo, onde se acham preenchidas duas lacunas de uma extensão considerável. Ao percorrer essa porção do texto de Joinville, ver-se-á que a nova colação teve como resultado o melhorá-lo em mais de uma passagem¹⁶ (WAILLY, 1968, p. XIII).

Contrariamente aos seus predecessores, que creram ser o manuscrito mais antigo, o 13568, o mais confiável, Natalis de Wailly descobriu ser ele apenas uma cópia eivada de inexatidões, o que o motivou a valer-se com muito menos reserva do que M. Daunou – que já usara pontualmente lições do manuscrito de Luca para corrigir aquelas faltosas do 13568 – das lições dos dois apógrafos do século XVI, o manuscrito de Luca e o Brissart-Binet, autorizando-se a preferi-las toda vez que elas mereciam sê-lo:

¹⁵ "Voilà les défauts auxquels je me suis efforcé de remédier, en comparant attentivement chaque mot du manuscrit 13568 avec les leçons correspondantes qu'offrent le manuscrit de Lucques et celui de M. Brissart-Binet".

¹⁶ "Le volume dont je parle (Brissart-Binet) est comme un second exemplaire du manuscrit d'Antoinette de Bourbon, mais un exemplaire complet où se trouvent comblées deux lacunes d'une étendue considérable. En parcourant cette portion du texte de Joinville, on verrait que la collation nouvelle eut pour résultat de l'améliorer dans plus d'un endroit".

Eu devo dizer que, tirando proveito do exemplo e da autoridade de M. Daunou, eu usei, como ele, o manuscrito de Luca, mas com menos reservas do que ele fizera. Tendo certeza de que nós não possuíamos o texto original, e que o texto mais antigo era uma cópia em que existiam inexatidões que podiam ser constatadas de uma maneira rigorosa, fui obrigado a examinar de forma atenta a cópia moderna, e a preferi-la todas as vezes em que ela merecia (WAILLY, 1868, p. XIII)¹⁷.

A convicção a que chega o filólogo francês depois de tantos anos de pesquisa sobre a tradição do *Histoire* de Joinville é que seu texto se encontra depois da intervenção editorial totalmente íntegro, puro de toda mistura com o material espúrio que se lhe integrou no processo transmissional. Quanto à língua do *Histoire*, contudo, encontra-se alterada tanto no manuscrito mais antigo, o 13564, quanto nos dois apógrafos quinhestistas. Se, como já dissemos, o texto íntegro e livre de impurezas do *Histoire* foi constituído sem que o procedimento metódico para a sua constituição nos fosse apresentado em quaisquer seções das edições de Natalis de Wailly de 1867 e de 1868, por outro lado a *constitutio linguae* é objeto de minudenciada discussão, nesta última edição, que sumariamos a seguir.

Natalis de Wailly está convencido de que nenhum dos três testemunhos que nos conservaram o *Histoire* de Joinville no-lo legou livre de erros de toda sorte, sendo todos os três, por conseguinte, apógrafos faltosos em maior ou menor grau. Como já dissemos, não há critérios objetivos para a fixação das lições ditas genuínas; por outro lado, a *constitutio linguae* que se leva a termo baseia-se tanto na crença de que havia uma gramática própria do francês medieval, que fora fixada "cientificamente" por M. Raynouard, e que Natalis de Wailly seguirá fielmente em sua edição, quanto na existência de um largo conjunto de cartas de Joinville, que objetivam essa gramática, que, conquanto tenha existido, não está atestada como gostaríamos que estivesse nos três apógrafos do *Histoire*.

M. Raynouard, em um largo conjunto de escritos que têm como matéria a formação do que ele chama *langue romane*, dos quais os mais importantes aparecem no primeiro quartel do século XIX, assevera que a passagem da latinidade à romanidade se caracteriza pela violação quase contínua das diferentes regras gramaticais do latim ("O que aumentava ainda a dificuldade de compreender e de falar essa língua, era a violação quase

¹⁷ Je dois dire que, profitant de l'exemple et de l'autorité de M. Daunou, j'ai usé, comme lui, du manuscrit de Lucques, mais avec moins de réserve qu'il ne l'avait fait. Ayant acquis la certitude que nous ne possédions pas le texte original, et que le plus ancien n'était qu'une copie où il existait des inexatitudes qui pouvaient être constatées d'une manière rigoureuse, j'étais obligé d'examiner attentivement la copie moderne, et autorisé aussi à le préférer toutes les fois que'elle méritait de l'être.

continua das diferentes regras da gramática” (RAYNOUARD, 1816a, p. 18¹⁸). Essas ruturas nas regras gramaticais do latim afetam desde os usos das preposições, regimes de verbos e substantivos, até ao declinar corretamente nomes, pronomes e adjetivos etc. (“As preposições eram empregadas frequentemente com um regime arbitrário” (RAYNOUARD, 1816a, p. 18)¹⁹; “Não se observava exatamente os regimes de verbos e substantivos” (RAYNOUARD, 1816a, p. 18)²⁰. Podem-se observar, segundo M. Raynouard, essas ruturas nos escritos latinos que medeiam entre os séculos V e X, e elas se fazem neles de tal modo presentes, que se pode, com vistas a verificar a autenticidade de atos notariais, diplomas etc. desses séculos, esperar encontrá-las como certa atestação de autenticidade:

A transmutação das vogais, a rudeza das locuções, a violação das regras gramaticais, a ferrugem do estilo se tornam outras tantas pressuposições e argumentos a favor da sinceridade das atas (RAYNOUARD, 1816a, p. 23)²¹.

Quando, contudo, se tem de editar um desses textos latinos, escritos em “mal latim”, deve-se ou não intervir no texto legado pelos testemunhos com o fim de corrigir os “erros” que o autor escreveu de seu próprio punho? Parece-nos que M. Raynouard, com ironia, deixa de se posicionar objetivamente sobre a prática filológica a adotar ao referir edições de textos latinos medievais levadas a termo por homens de letras seus contemporâneos, que corrigiram o que souberam mal escrito: “O célebre Jérôme Bignon, ao publicar a primeira edição das fórmulas de Marculfe, alterou, por indietras correções, a barbárie do manuscrito” (RAYNOUARD, 1816a, p. 23).

Se há uma alta desorganização do sistema gramatical latino, como se podem reconhecer as relações gramaticais que os vocábulos devem por necessidade manter uns com os outros?

Em uma tal degradação da linguagem, como se podia designar e reconhecer as relações gramaticais que os substantivos devem ter necessariamente entre eles? Como distinguir os casos “sujeito” dos casos “objeto” e os “objetos diretos” dos “objetos indiretos?” (RAYNOUARD, 1816a, p. 23)²².

¹⁸ “Ce qui augmentait encore la difficulté de comprendre et de parler cette langue, c'était la violation presque continuelle des différentes règles de la grammaire”.

¹⁹ “Les prépositions étaient employées très-souvent avec un régime arbitraire”.

²⁰ “On n'observait pas plus exactement les régimes des verbes et des noms”

²¹ “La transmutation des voyelles, la rudesse des locutions, la violation des règles grammaticales, la rouille du style, deviennent autant de présomptions et d'arguments en faveur de la sincérité des actes”.

²² “Dans une telle dégradation du langage, comment pouvait-on désigner et reconnaître les rapports grammaticaux que les noms doivent nécessairement avoir entre eux? Comment distinguer entre les sujets des régimes, et les régimes directs des régimes indirects?” M.

A resposta a essas questões comparecem tanto no *Éléments de la Grammaire de la Langue Romane*, já citado, quanto em outro livro de M. Raynouard, também ele publicado em 1816: o *Grammaire Romane*, em que ele se atém à análise da língua dos *troubadours*. Mas não parece haver um hiato longo demais entre a *langue romane*, que é objeto de estudo do *Éléments de Grammaire*, e esta outra, que é tomada como objeto de gramatização no *Grammaire Romane*? Se a primeira delas, como o diz o próprio M. Raynouard, atesta a passagem gradual, que se dá na longa duração histórica, do latim à romanidade, a segunda, ao contrário, parece revelar uma certa estabilização no sistema linguístico, a ponto de se poder falar de uma língua francesa típica dos poetas dos séculos XI, XII e XIII. Opondo-se àqueles que não veem nas línguas de Oc e de Oïl um sistema linguístico em que se possam reconhecer formas fixas e um "mecanismo completo" (RAYNOUARD, 1816b, p. 7), M. Raynouard não as compreende como idiomas irregulares (*irréguliers*), como querem alguns, e cita obras poéticas como exemplo de uma reflexão sobre a linguagem, que atestariam sua crescente maturidade: "Quaisquer uns desses princípios gramaticais foram indicados pelo *Donatus Provincialis* e pela muito curta gramática de Raimond Vidal, obras escritas no idioma dos trovadores surante o século XIII" (RAYNOUARD, 1816b, p. 9)²³. É a partir da leitura detida desses tratados de poética que M. Raynouard crê poder afirmar a existência, para os séculos da dita Baixa Idade Média, não de gêneros poéticos, de costumes poéticos, o que é incontestável, mas de uma língua românica submetida a regras fixas e a formas invariáveis: "Pelo menos essas obras forneceram a prova incontestável de que o idioma estava submetido a formas invariáveis e a regras fixas" (RAYNOUARD, 1816b, p. 10)²⁴.

Quicá essa fixidez morfo-sintagmática seja mais evidente nas longas seções do *Grammaire Romane*, em que M. Raynouard trata do caso latino, repartido no âmbito da latinidade românica em *sujet e régime*, singular e plural. No *Éléments de la Grammaire de la Langue Romane*, M. Raynouard, ao falar da dissolução do sistema casual latino, declara que há no entanto um resquício dele em língua românica como o francês e apresenta ao leitor a regra de ouro

Raynouard assevera que à medida que as desinências casuais deixaram de ter importância para a organização sintagmática da oração, já que essas relações passaram a depender crescentemente de regimes preposicionais, em que sobressaem as preposições "de" para reger o antigo ablativo e "ad" para o dativo, tornou-se praticamente inevitável a supressão do regime casual da língua latina: "Ces diverses terminaisons n'étant plus indispensables pour l'intelligence du sens, il n'y avait qu'à les supprimer, et c'est ce qui fut exécuté adroitement. On retrancha des substantifs latins toutes leurs désinences caractéristiques, et il ne fut plus nécessaire de connaître, ni d'observer les règles des déclinaisons" (Idem, p. 25).

²³ "Quelques-uns de ces principes (gramaticais) avaient été indiqués par le *Donatus Provincialis*, et par la très-courte grammaire de Raimond Vidal, ouvrages écrits dans l'idiome des troubadours, durant le XIII^e siècle".

²⁴ "Du moins ces ouvrages firent la preuve incontestable que l'idiome était soumis à des formes invariables, et à des règles fixes".

da gramática do *ancien français*, explicitando as desinências de *cas sujet* e de *cas régime*:

No singular, o “S”, acrescido ou conservado ao fim da maioria dos substantivos, sobretudo dos masculinos, designa o caso “sujeito”; e a ausência de “S” designa o caso “objeto”, seja direto, seja indireto. No plural, a ausência de “S” indica o caso “sujeito”, e sua presença o caso “objeto”. De onde vem a ideia de um tal método? Da própria língua latina. A segunda declinação em “US” sugeriu esse meio (RAYNOUARD, 1816a, p. 50)²⁵.

É justamente esse paradigma flexional exposto por M. Raynouard em vários de seus escritos, e detalhado à exaustão no livro que ora comentamos, que servirá de base à *restitutio linguae* de Natalis de Wailly, como se verá a seguir. À página 25 do *Grammaire Romane*, ao tratar dos casos sujeito e objeto, declara-se que o *s* final, em palavras no singular, ligado a todos os substantivos masculinos e à maioria dos substantivos femininos que não terminam em *A*, designa o seu emprego como sujeitos, isto é, como substantivos que exercem a função de nominativos ou vocativos; por outro lado, a ausência de *s* designa o caso objeto, direto ou indireto, ou seja, os substantivos singulares sem essa marca mórfica cumprem as funções de acusativo, de um lado, e de genitivo, de dativo, e de ablativo, de outro, a depender das preposições a que estejam associados (RAYNOUARD, 1816a, p. 25). No plural, esses mesmos substantivos de que falamos acima, quando nominativos e vocativos, não recebem o *s* final; contudo, esse mesmo *s* se liga às formas acusativas, genitivas, dativas e ablativas, ou seja, aos casos “objeto” diretos e indiretos (RAYNOUARD, 1816a, p. 25). Quanto aos nomes femininos que terminam em *A*, quer estejam no caso sujeito ou no caso objeto, quando singulares, não recebem o *s* final; quando, no entanto, no plural, recebem-no sempre. Os substantivos que originariamente terminam em *s*, conservam-no tanto no singular, quanto no plural (RAYNOUARD, 1816a, p. 27).

Esse princípio de organização do sintagma e de regularidade morfológica descrito por M. Raynouard é o mesmo de que tratará Natalis de Wailly em sua edição de 1868 do *Histoire* de Jean, sire de Joinville. O filólogo francês reconhece logo ao princípio de sua exposição sobre a *restitutio linguae*, que visa a empreender, que nos manuscritos franceses do século XIII a aplicação da regra morfológica que prevê os dois casos, sujeito e objeto, nunca se dá de forma plena, o que o leva à conclusão de que a regularidade ortográfica e tudo o que ela implica em termos de marcação mórfica não depende apenas da data em que o manuscrito foi produzido – em tempo em que essa marcação

²⁵ “Au singulier, l'S ajouté ou conservé à la fin de la plupart des substantifs, sur-tout des masculins, désigne le sujet; et l'absence de l'S désigne le régime, soit directe, soit indirecte. Au pluriel, l'absence de l'S indique le sujet, et sa présence les régimes. D'où vient l'idée d'une telle méthode? De la langue latine même. La seconde déclinaison en US suggéra ce moyen”.

representava uma função viva da língua francesa -, mas também do letrado que inscrevia o texto:

Eu sabia que, na maior parte dos manuscritos do século XIII, a observação das regras de que eu venho tratando não era constante, que se as via de quando em quando seguidas ou desprezadas a algumas linhas de distância e que a regularidade ortográfica dos textos não depende somente de suas datas, mas também da atenção e da ciência gramatical do copista que os transcreveu (WAILLY, 1868, p. 20)²⁶.

A essa falta de constância da prática ortográfica, é preciso acrescentar o fato de que o *Histoire* não fora composto pela mão de Jean, sire de Joinville, mas por um dos letrados que trabalhavam para ele: "Essa ortografia (o do *Histoire*), como já dito, não era, propriamente falando, a sua (a de Joinville), mas aquela do letrado ao qual ele ditou seu livro"²⁷. Se, por um lado, há flutuação ortográfica – o que afeta a explicitação na inscrição de valores morfológicos -, e, de outro, ausência de texto propriamente autógrafa, como sanar ambos os problemas por meio de uma intervenção filológica que objetiva empreender a *restitutio linguae*? Em primeiro lugar, elidindo essa flutuação, desde que respaldada a regularização em documentação coetânea do manuscrito "autógrafo" do *Histoire*; como Jean, sire de Joinville, sempre se valia de um letrado, *clerc*, para fazer inscrever seus trabalhos, a regularidade ortográfica que se busca é obviamente aquela do *clerc*, não a de Jean, sire de Joinville. Assim sendo, Natalis de Wailly leva a termo uma longa pesquisa sobre as cartas compostas por *clercs* a serviço de Jean, sire de Joinville, e nesses documentos ele acaba por encontrar a regularidade ortográfica que sabia existir e a marcação de funções sintáticas pelo recurso constante a desinências casuais (WAILLY, 1868, p. XXI).

Cabe dizer que a regularização ortográfica levada a efeito por Natalis de Wailly como recurso para regularizar ao mesmo tempo a estrutura morfo-sintagmática do *Histoire*, tal qual ele a compreendia, baseava-se em um conjunto de manuscritos de chancelaria, mais, de uma única chancelaria, sem que tenha havido um estudo sistemático de manuscritos chancelerescos coetâneos, mas de outros localidades, com o objetivo de se poder afiançar sem dúvida que o francês do tempo de Jean, sire de Joinville, ainda tinha dois casos, o sujeito e o objeto, marcados por desinências casuais. O que parece ficar claro pelo escrito de Natalis de Wailly, por outro lado, é que manuscritos não

²⁶ Je savais que, dans la plupart des manuscrits du treizième siècle, l'observation des règles que je viens de rappeler n'est jamais constante, qu'on les voit tour à tour suivies ou méconues à quelques lignes de distance et que la régularité orthographique des textes ne dépend pas seulement de leur date, mais de l'attention et de la science grammaticale du clerc qui les a transcrits.

²⁷ Cette orthographe (o do *Histoire*), comme je l'ai dit alors, n'était pas, à proprement parler, la sienne, mais celle du clerc auquel il a dicté son livre".

chancelerescos não se caracterizavam pela marcação regular de casos por recurso a desinências, o que nos leva a questionar a pertinência de se poder transpor de manuscritos chancelerescos de uma dada chancelaria para o manuscrito do *Histoire*, pertencente a um outro gênero de escritura, uma prática ortográfica que parece própria de cartas etc., caso essa prática seja de fato historicamente pertinente. Pode-se dizer, para concluir essa seção de nosso arrazoado, que a edição de 1868 do *Histoire* efetua de fato uma *restitutio linguae* sem que haja uma concomitante *restitutio textus* baseada em procedimentos metódicos de crítica.

Na edição subsequente àquela de 1868, publicada em 1874, Natalis de Wailly afirma que da colação atenta dos três testemunhos remanescentes do *Histoire* lhe adveio a certeza de que se tinha a obra de Joinville em sua integridade, conquanto houvesse a mesma convicção de que, do ponto de vista linguístico, o *Histoire* encontrava-se faltoso, precisado de urgente intervenção filológica com vistas à sua restituição (WAILLY, 1874a, p. XXI). Esse trabalho de *restitutio linguae*, contudo, já fora realizado quando da edição do *Histoire* de 1868, e, por essa razão, Natalis de Wailly o faz reimprimir, com algumas poucas alterações, que são melhoramentos interpretativos: "Eu a reproduzo (a edição de 1868 – o texto nela fixado) com tanto mais confiança por ter ela recebido a aprovação dos juízes mais competentes" (WAILLY, 1874a, p. XXII).

Na edição de 1874, Natalis de Wailly ressalta a ideia de que a *restitutio linguae* obedeceu a um procedimento metódico, que implicava a substituição da ortografia irregular dos três manuscritos que no-lo transmitiram por aquela das cartas oriundas da chancelaria de Jean, sire de Joinville, em que se vê atendida a gramática do francês da Idade Média, que fora fixada por Raynouard anos antes, o que atesta a "objetividade" dessa gramática:

É certo que Joinville foi sempre fiel ao praticar as regras da gramática da Idade Média, descobertas e expostas pelo Ilustre M. Raynouard? A ideia veio quando se pensou que, a despeito da falta de manuscritos originais, hoje em dia perdidos, as cartas francesas de Joinville poderiam esclarecer essa dúvida. Fez-se a verificação e ela conduziu a um resultado inesperado; Constatou-se que a escrita da gramática da Idade Média foi rigorosamente observada nessas cartas, e que ela se faz presente também em uma apostila acrescida pela própria mão de Joinville a um desses documentos. Tornou-se possível então corrigir com certeza milhares de erros que desfiguraram o manuscrito de Bruxelas; e a Sociedade de História da França pôde acolher sem desconfiança, em 1868, uma edição em que a verdadeira escrita foi restabelecida pela primeira vez (WAILLY, 1874a, p. XXII)²⁸.

²⁸ "Était-on bien certain que Joinville fut toujours fidèle à pratiquer les règles de la grammaire du moyen âge, découvertes et exposées par l'illustre M. Raynouard? L'idée vint qu'à défaut des manuscrits originaux, désormais perdus, les chartes françaises de Joinville pourraient éclaircir ce doute. La vérification se fit et conduisit à un résultat inespéré. Il fut constaté que

Na edição do *Histoire* de 1874 não há, como nas anteriores, uma *restitutio textus* fundada em um procedimento metódico, embora se diga que houve tal procedimento; conquanto Natalis de Wailly especifique em seu texto as relações genealógicas entre os três testemunhos remanescentes²⁹, não há no texto crítico um aparato de variantes que evidencie que escolhas foram feitas, o que se deixou de lado, e quais as divergências e convergências entre lições. Causa forte estranhamento, por conseguinte, que Gaston Paris, em resenha ao livro de Natalis de Wailly, publicada em volume de *Romania* de 1874, elogie essa edição do *Histoire* dizendo que nela se empreendeu uma restauração não apenas da língua de Jean, sire de Joinville, mas também e, sobretudo, das lições (*leçons*) do texto original (PARIS, 1874):

Eu me dedico agora a uma outra parte da obra crítica do eminente editor, a da restituição das lições: é com efeito o primeiro a aplicar aos manuscritos de uma obra da Idade Média o único método verdadeiramente científico, o da classificação dos manuscritos. Ele rompeu com esse prejuízo, considerado há não muito tempo como a última palavra da crítica, que consistia em seguir “o melhor manuscrito e o mais antigo, e a não corrigi-lo com lições de outros testemunhos a não ser em caso de “faltas ou lacunas evidentes”. Ele reconheceu que um manuscrito do século XVI podia ter tanta autoridade quanto um manuscrito do século XIV e que ele podia ser preferível a partir do momento em que se sabia que derivava de um original perdido (PARIS, 1874, p. 403)³⁰.

Gaston Paris, no que concerne à ortografia, contudo, critica Natalis de Wailly, ao afirmar que houve excessivo respeito em relação à ortografia do manuscrito A, aquele datado do século XIV, o mais antigo membro da

l'orthographe de la grammaire du moyen âge est rigoureusement observée dans ses chartes, et qu'elle l'est aussi dans une apostille ajoutée de la propre main de Joinville à l'un de ces documents. Il devient possible alors de corriger avec certitude des milliers de fautes qui défiguraient le manuscrit de Bruxelles; et la Société de l'Histoire de France put accueillir sans défiance, en 1868, une édition où la véritable orthographe fut rétablie pour la première fois”.

²⁹ Ver, no mesmo número de *Romania*, carta de Natalis de Wailly, endereçada a Gaston Paris, em que, a par de um agradecimento a este último, há a apresentação de um *stemma codicum* da tradição textual do *Histoire*. WAILLY, Natalis de. "Lettre à M. Gaston Paris sur le texte de Joinville". In: *Romania*, 1874b, Paris, Librairie A. Franck, pp. 487-493 [p. 491].

³⁰ J'arrive à autre partie de l'oeuvre critique de l'éminent éditeur, la restitution des leçons: il est en effet le premier qui ait appliqué aux manuscrits d'une oeuvre du moyen âge la méthode seule vraiment scientifique, de la classification des manuscrits. Il a rompu avec ce préjugé, regardé il n'y a pas bien longtemps encore comme le dernier mot de la critique, qui consiste à suivre "le manuscrit le meilleur et le plus ancien", et à ne le corriger avec les autres qu'en cas des "fautes ou lacunes évidentes". Il a reconnu qu'un ms. du XVI^e siècle peut avoir tout autant d'autorité qu'un ms. du XIV^e siècle et lui être souvent préférable, du moment qu'il dérive comme lui d'un original perdu.

tradição do *Histoire*, e que o próprio Natalis de Wailly não considerara merecedor de maior crédito do que os apógrafos do século XVI, os manuscritos B e L. Para Gaston Paris a *restitutio linguae*, ao ser excelentemente realizada, implicaria por necessidade a uniformização ortográfica tanto das palavras em caso sujeito quanto em caso objeto, o que não ocorre na edição preparada por Natalis de Wailly, em que a flutuação ortográfica é corrente. O que se pode compreender da resenha de Gaston Paris, no entanto, é que para ele uma edição crítica deve promover ao mesmo tempo duas restituições, uma textual, visando-se ao texto genuíno, e outra linguística, em que se observe a historicidade da língua, tal qual representada pelos gramáticos do século XIX especializados em romanística, que promoviam, a par da redução das variantes textuais ao *unus textus*, a redução de variantes linguísticas à unidade de expressão do *usus scribendi*.

O desejo parisiense de ver efetuada uma *restitutio linguae* que implicasse também uma uniformização ortográfica do texto filologicamente fixado realizou-se em uma outra edição crítica também ela impressa em 1872, realizada por Léon Gautier, e que tem como objeto a *Chanson de Roland*. O texto crítico produzido por Léon Gautier baseava-se em uma longa história editorial, em que ela se engajava e que o próprio Léon Gautier decidira escrever em seção do primeiro volume de sua edição. Não queremos aqui resumir os contributos oitocentistas à filologia da *Chanson de Roland*, mas, baseando-nos apenas em parte do que Léon Gautier redigiu, nos ater ao que ele define como metodização filológica e criticidade da crítica, referindo-se à edição M. Müller da *Chanson*, um marco filológico segundo ele.

A edição crítica da *Chanson de Roland* preparada por M. Müller diferia das demais, até ali realizadas, porque nela se efetuara a colação dos manuscritos até então conhecidos, a partir da qual se puderam sanar as lacunas existentes no manuscrito de Oxford tomando-se emprestados fragmentos dos manuscritos de Veneza, Paris e Versalhes³¹. Além disso, M. Müller corrigira

³¹ Em sua edição da *Chanson de Roland*, de fato, Theodor Müller leva a termo a colação do Manuscrito de Oxford com os outros membros da tradição rolandiana, cujo resultado nos é apresentado em aparato de variantes ao pé de página. Excertamos como exemplo desse procedimento a primeira estrofe do poema e o aparato que lhe corresponde: "Carles li reis, nostre emper[er]e magne,/Set anz tuz pleins ad estet eu Espagne,/Tres qu'en la mer cunquist la tere altaigne;/N'i ad castel ki devant lui remaigne,/Mur ni citet n'i est remés à fraindre/Fors Sarraguçe, ki est en une [mun]taigne./Mahummet sert e Apollin reclimeit;/Ne s'e poet garder que mals ne li ataignet./AOI. – 7. n'enaimet G.; nen aimet O.; n'em aimet M." (ver MÜLLER, Theodor. *La Chanson de Roland*. Göttingen: Verlag, 1863, p. 1). Outra edição que se baseia no texto do Manuscrito de Oxford e em que se utilizam também os outros membros da tradição rolandiana para a fixação do texto é aquela preparada por Gustav Gröber, em que não há, contudo, no pé de página, a indicação das variantes textuais, pelo menos não na terceira edição, que foi aquela compulsada por nós (GRÖBER, Gustav. *La Chanson de Roland d'après le Manuscrit d'Oxford*. Strasbourg: Heitz & Mündel, s/d). Outra edição que se chama a si mesma crítica é a de Edouard Boehmer, em que há o texto da *Chanson de Roland*, sem colação evidente com outros membros da tradição rolandiana, sem aparato de notas e sem introdução crítica (BOEHMER,

faltas evidentes cometidas "pelo copista medíocre e distraído do manuscrito de Oxford", recompusera os pés quebrados de cerca de quinhentos versos, e reordenara as estrofes que se encontravam fora de posição (GAUTIER, 1872, p. CLXXXVIII). Os filólogos do século XIX, ao reordenar as estrofes que se encontravam supostamente fora de posição, também intervinham naquelas reputadas como fruto de indecisão ou imperícia, como as que eram variações elocutivas de uma mesma matéria e que se caracterizavam por modificações na assonância:

Todos os leitores do *Roland* têm observado depois de longo tempo que, em mais de uma passagem do velho poema, duas ou três coplas consecutivas repetem as mesmas ideias quase que com os mesmos termos, mas com assonâncias diferentes. Essas coplas similares, das quais existem ao menos nove exemplos no *Roland*, podem ser duplas, triplas, quádruplas e até mesmo quádruplas (GAUTIER, 1872, p. LIV).³²

Ao elogiar a edição M. Müller da *Chanson de Roland*, Léon Gautier implicitamente aprova os procedimentos críticos nela adotados, sobretudo a colação extensiva dos manuscritos, o aproveitamento de excertos dos *Rifazimenti* para com eles promover a calafetação do texto rolandiano de Oxford e a recomposição de versos; mas se propõe ao mesmo tempo ir muito mais longe do que o filólogo estrangeiro que é objeto de seu louvor. Conjugando a prática filológica de M. Müller, modelizada em sua edição da *Chanson*, com aquela que se lhe afigura magistral, a de Natalis de Wailly, Léon Gautier reúne aos procedimentos críticos acima mencionados o da *restitutio linguae*, visando à fixação de um texto que torne evidente a gramática do francês antigo, estropiado no manuscrito de Oxford:

Na segunda edição do *Histoire de saint Louis*, M. Natalis de Wailly nos deu o modelo de um texto crítico, reconstruído pacientemente de acordo com as regras da gramática e das particularidades dialetais: é desse modelo que nós gostaríamos de nos aproximar (GAUTIER, 1872, p. LIV).³³

Edouard. *Rencesval. Édition critique du texte d'Oxford de la Chanson de Roland*. Halle: Max jemyer, 1872).

³² Tous les lecteurs du *Roland* ont remarqué depuis longtemps que, dans plus d'un passage du vieux poème, deux ou trois couplets consécutifs répètent les mêmes idées à peu près dans les mêmes termes, mais sur des assonances différentes. Ces "couplets similaires", dont il existe au moins neuf exemples dans le *Roland*, peuvent être doubles, triples, quadruples et même quintuples.

³³ Dans la seconde édition de l'*Histoire de saint Louis*, M. Natalis de Wailly donna le modèle d'un texte critique, reconstruit patiemment d'après les règles de la grammaire et les particularités du dialecte: c'est de ce modèle que nous voudrions nous rapprocher.

É justamente a *restitutio linguae* que promove, segundo Léon Gautier, uma verdadeira revolução no método filológico e na prática editorial de seu tempo, é a ela que se deve a metodização e a criticidade da filologia dos Oitocentos. Ele também, como seu predecessor, M. Müller, "restabelecera a medida exata de um certo número de versos mais ou menos quebrados, reduzira à forma correta, decassilábica, alguns alexandrinos involuntários, recompusera a 'fisionomia' de muitos vocábulos alterados pelos copistas", mas nisso tudo não se diferenciara dos melhores estudiosos da romanidade.

Quando principia a diferenciação que fará de sua edição da *Chanson de Roland* um monumento filológico "distinto" do que até então se fizera, e que, só por essa razão, pode-se dizer "monumental"? Léon Gautier objetiva dar a público um texto antigo e é à miragem de vetustez do texto do *Histoire de Saint Louis* fixado por Natalis de Wailly que ele se volta: "Nós pretendemos publicar um 'Texto crítico'. Nós quisemos fazer, para a *Chanson de Roland*, o que fez Natalis de Wailly para a *Histoire de Saint Louis*, de Joinville" (GAUTIER, 1872, p. CXCIV)³⁴. Léon Gautier depara-se com os mesmos problemas que enfrentara Natalis de Wailly quando tivera de fixar o texto "antigo" do *Histoire*, ou seja, o manuscrito de base e todos os demais membros da tradição rolandiana não atestavam, como ele desejara, a gramática do *ancien français* tal como descrita por Raynouard; mas se não há correspondência plena entre a normatividade gramatical e a escrita que a fere, é preciso corrigir esta última a partir do que aquela nos ensina:

Após ter compost o Glossário completo de nosso poema, nós o estudamos vocábulo por vocábulo do ponto de vista grammatical. Nós pudemos enfim determinar as regras positivas da "Gramática do Roland", e, em particular, aquelas da Declinação. Ora, essas regras não são observadas pelo escriba de nosso manuscrito, que seis ou sete vezes em cada dez ocorrências, por vezes mais, por vezes menos. (GAUTIER, 1872, p. CXCIV).³⁵

A busca de um texto antigo implica, correlatamente, um texto regular não apenas do ponto de vista gramatical, mas também do ponto de vista ortográfico, o que leva Léon Gautier a ir além do que fizera Natalis de Wailly. Ele decide, a despeito de ter aprendido que a ortografia só principia séculos depois daquele que viu nascer a *Chanson de Roland*, regularizar a flutuação ortográfica própria de todos os manuscritos medievais, flutuação essa evidente

³⁴ Nous avons prétendu publier un 'Texte critique'. Nous avons voulu faire, pour la *Chanson de Roland*, ce qu'a fait M. Natalis de Wailly pour l'*Histoire de Saint Louis*, de Joinville".

³⁵ Après avoir dressé le Glossaire complet de notre poème, nous l'avons étudié mot par mot au point de vue grammatical. Nous avons pu enfin déterminer les règles positives de la "Grammaire du Roland", et, en particulier, celles de la Déclinaison. Or ces règles ne sont observées, par le scribe de notre manuscrit, que six ou sept fois sur dix, tantôt davantage, et tantôt moins. Eh bien! dans notre édition nous les avons observées partout.

não apenas quando colacionamos manuscritos da tradição rolandiana entre si, mas quando glossariamos os vocábulos recorrentes em um mesmo manuscrito. Segundo Léon Gautier, há, sob a superfície movente da falta de ortografia, um princípio recorrente, que se manifesta na predominância de uma forma gráfica sobre as demais, que se explica ou por razões etimológicas, ou por ser ela mais afeita à expressão da realidade dialetal que exprime (GAUTIER, 1872, p. CXCIV).

Essa predominância, ao poder ser explicada cientificamente, deveria levar o editor a adotar a forma gráfica dominante com o intuito de regularizar a grafia e tornar efetivamente crítico o texto que fixa, o que ele faz ao reduzir a *Chanson de Roland* à unidade ortográfica (Nós reconduzimos enfim, se é preciso assim dizer, nosso texto à unidade ortográfica, Gautier, 1872, CXCIV). A regularização a que a *Chanson de Roland* é submetida, e que visa a constituir um texto efetivamente crítico, depara-se com um procedimento falto na edição de Léon Gautier: a colação não pode ser sistemática e metódica, porque lhe falta a ela, à edição, um *stemma* que norteie as operações críticas de *collatio*, *selectio* e *constitutio*, carência essa que Natalis de Wailly tentara suprir em sua edição do *Histoire* saída a lume em 1874, descrevendo os manuscritos e propondo sua genealogia.

As novidades filológicas enaltecidas por Léon Gautier em sua edição da *Chanson de Roland*, que, segundo ele, garantiriam sua criticidade, são de fato desconhecidas dos primeiros editores da *Chanson*, que a fizeram imprimir na primeira metade do século XIX. É verdade que um filólogo como Francisque Michel, ao editar o Manuscrito de Oxford, o fazia mantendo-lhe a integridade – a despeito de conhecer outros testemunhos da tradição rolandiana – e corrigindo-o somente nos lugares em que supunha haver erros por omissão ou engano do copista, atendo-se a demandas de sentido do texto e à recomposição de sua métrica (MICHEL, 1837, p. XVI e XVII), e, nesse sentido, as operações de *restitutio* fundavam-se exclusivamente no *iudicium*, e eram, portanto, subjetivas. Mas se edições como as de Natalis de Wailly e de Léon Gautier, impressas após a edição parisina do *Saint Alexis*, não aderem ainda completamente ao modelo editorial importado da Alemanha, quando essa adesão se dará?

No volume de 1876 de *Romania*, há resenha escrita por Gaston Paris, que tem como objeto três livros editados por Auguste Scheler em 1874³⁶; nela, o filólogo francês critica Auguste Scheler por ter deixado de empreender, ao editar *Ogier* e também *Berte* - poemas cujas tradições eram compostas de quatro e de seis manuscritos, respectivamente, ao tempo em que as edições

³⁶ Ver PARIS, Gaston. Resenha a "Les Enfances Ogier, par Adenès li Rois, publié pour la première fois et annoté par M. Aug. Scheler. Bruxelles, Closson, Muquardt, 1874; Li Romans de Berte aus grans piés, par Adenès li Rois, publié avec notes et variantes par M. Aug. Scheler. Bruxelles, Closson, Muquardt, 1874; e Bueves de Commarchis, par Adenès li Rois, chanson de geste publié avec notes et variantes par M. aug. Scheler. Bruxelles, Closson, 1874. In: *Romania*, 1876, Paris, Librairie A. Franck, pp. 115-119.

resenhadas foram preparadas -, uma colação sistemática de manuscritos e sua posterior classificação em *stemma codicum*; critica-o, outrossim, por adotar a prática a-crítica de selecionar o manuscrito que se lhe afigurou o melhor, corrigindo-o pontualmente segundo seu juízo. Quanto a *Bueves de Commarchis*, como este poema está preservado em um único manuscrito, a tarefa do editor resume-se, neste caso, a reproduzi-lo de forma inteligente e fidedigna, o que parece não ter conseguido fazer Auguste Scheler segundo o parecer do estudioso francês.

O próprio Auguste Scheler, em sua edição de *Les Enfances Ogier*, afirma que, dentre os quatro manuscritos componentes da tradição do poema por ele editado, escolheu aquele depositado na *Bibliothèque de l' Arsenal* (nº 175), por ter sido esse manuscrito copiado (aparentemente) sob a supervisão do autor – *surveillance même de l'auteur* (Scheler, 1874a, p. VIII), sem que, ao mesmo tempo, nos forneça provas para a sua asserção. A transcrição do texto do manuscrito 175 da *Bibliothèque de l' Arsenal* ficou a cargo de Michel Deprez, e as passagens de sua transcrição que levantaram dúvidas quanto à exatidão foram submetidas a uma cuidadosa verificação – *soigneuse vérification* -, o que permitiu a Auguste Scheler dizer que o texto por ele fixado o fora "minuciosamente conforme o do original" (SCHELER, 1874a, p. VIII)³⁷. O caráter assistemático da *collatio codicum* evidencia-se na seguinte declaração: "dos três manuscritos depositados na *Bibliothèque Nationale* (nenhum deles *codex descriptus*), que nos transmitem *Les Enfances Ogier*, somente os dois últimos por nós referidos (nº 1471 e nº 1632) nos parecem dignos de colação". Mesmo a colação desses dois testemunhos frente àquele selecionado como texto de base parece ter sido feita, se o foi, de forma ametódica. As variantes dignas de serem elencadas no livro o foram nas notas com que o volume encerra. É justamente essa prática de edição fundada exclusivamente no *iudicium* que Gaston Paris critica em sua resenha ao livro. E, de fato, o procedimento repete-se na edição preparada por Auguste Scheler de *Li Roumans de Berte aus Grans Piés*:

Os cinco manuscritos de Paris que nós tivemos sob os olhos não diferem entre si que por divergências ortográficas, algumas alterações insignificantes de palavras e aqui e ali por omissão, interpolação ou modificação de um verso. Nessas condições, a preferência devia ser dada à lição a mais conforme com os hábitos de linguagem próprios da Ilha de França e ao mesmo tempo a mais cuidadosa quanto à relação gramatical. Essas qualidades se combinaram em um manuscrito do Arsenal (A). é esse manuscrito que nós acreditamos dever reproduzir, como o fizera nosso honorável colega M. Van Hasselt frente a *Cleomadès*, como nós o fizemos nós mesmos para a edição de *Les Enfances Ogier* e como nós ainda o faremos (dessa vez, é verdade, por falta de opção) para *Bewes de Commarchis* (SCHELER, 1874b, p. VIII).³⁸

³⁷ "minutieusement conforme celui de l'original".

³⁸ "Les cinq mss. de Paris que nous avons eus sous les yeux, ne diffèrent entre eux que par des divergences orthographiques, quelques changements insignifiants de mots et par ci par là, par

Quanto à edição de *Bueves de Commarcbis*, nela sequer nos são apresentados os critérios para a transcrição do poema supervivente em testemunho único (SCHELER, 1874c).

As três edições de texto preparadas por Auguste Scheler em 1874, e que, como vimos, são ametódicas segundo parecer parisiense, apenas dão seguimento a uma prática ecdótica que já se mostrara produtiva em anos anteriores, de que se pode dar inúmeros exemplos, como é o caso da edição de *Li Romans des Eles* de Raoul de Houdenc (SCHELER, 1868). Em 1876, Auguste Scheler prepara edição de mais uma obra poética, *La Mort du Roi Gormond*, que remanesceu em um único manuscrito; ao explicar-se sobre a necessidade de editar novamente esse texto poético, Auguste Scheler assevera que a edição anterior, a de Reiffenberg, "não atendia mais às exigências da crítica" (*est loin de répondre aux exigences de la critique*), o que o levou a empreender a tarefa de editá-lo colacionando sua transcrição minuciosamente com o manuscrito (SCHELER, 1876, p. 6-7). Este, o manuscrito, "foi escrito com negligência e sem o menor cuidado com as regras gramaticais, às quais, não é difícil de se convencer, o texto primitivo se assujeitava perfeitamente". Mas como se pode dizer que, por não atender à crida gramática do francês medieval, que separava os casos sujeito e objeto, o texto do manuscrito que se edita não demonstra o mínimo cuidado com as regras gramaticais, como se pudesse haver texto escrito, por quem sabe a língua que escreve, "agramatical"; e como se pode dizer que o texto que se tem diante de si, pelo menos, seu original, se assujeitava a um sistema gramatical que não é nada evidente na cópia com que se labora?

Auguste Scheler afirma que no manuscrito "os vocábulos omitidos e alterados abundam" e que nele "a ortografia apresenta numerosas variações". Mas há nos manuscritos medievais franceses unidade ortográfica? A despeito, no entanto, de todas essas imperfeições, não será impossível a um filólogo que saiba restituir um texto conforme a língua de seu autor, suprimindo-lhe todas as modificações que o escriba lhe introduziu, recuperá-lo e à sua genuinidade, o que implica, sobretudo, no nível da língua, expurgar os costumes dialetais próprios do copista (SCHELER, 1876, p. 7-8). Mas como? Expurgar os costumes dialetais do copista (*habitudes dialectales*) não significa em suma tornar o texto do ponto de vista linguístico aquilo que ele não é?

Os filólogos do século XIX sabiam que a antiga poesia francesa era partilhada socialmente pela voz, e essa partilha, a par da circulação dos poetas

l'omission, l'interpolation ou la modification d'un vers. Dans ces conditions, la préférence devait être donnée à la leçon la plus conforme aux habitudes de langage propres à l'Ile-de-France et en même temps la plus soignée sous le rapport grammatical. Ces qualités se combinaient dans le ms. de l'Arsenal (A); c'est donc lui que nous avons cru devoir reproduire, comme l'avait fait notre honorable confrère, M. Van Hasselt, à l'égard du *Cleomadès*, comme nous l'avons fait nous-mêmes pour *Les Enfances Ogier* et comme nous le ferons encore (cette fois, il est vrai, par absence de choix) par *Bueves de Commarcbis*?"

por muitos domínios senhoriais, fazia com que ela fosse apropriada em zonas dialetais numerosas, que acabavam por impactar toda a produção poética. Como dizia Paul Meyer, na Idade Média, sobretudo nos primeiros tempos, a poesia está, em grande medida, "na dependência de seu auditório; porque ela ainda não tem leitores: o poeta canta ou recita seus versos e se encontra por consequência em contato imediato com o seu público" (MEYER, 1876a, p. 259)³⁹. Mas se o poeta está em contato imediato com seu público porque canta diante de auditórios, ele assim o faz passando "de uma corte à outra", e as diferenças dialetais não eram significativas a ponto de impedir que "um poeta do Limousin não pudesse ser entendido na Provença, ou vice-versa" (MEYER, 1876a, p. 263). Nesse sentido, a poesia colore-se com tons linguageiros locais à medida mesma em que circula, de que resulta não haver uma poesia francesa ou uma poesia provençal, sendo essas denominações hiper-inclusivas e generalizantes. Quanto ao trabalho de restituição do texto de *La Mort du Roi Gormond*, no entanto, o próprio Auguste Scheler diz que não o fará, cabendo-lhe a tarefa de apenas entregar ao público um texto "fiel e purgado das más leituras do primeiro editor", já que, segundo ele, "imprimir um texto corrigido equivaleria a retardar e até mesmo impedir o trabalho de sábios mais doutos nestas matérias" (SCHELER, 1876, p. 8).

Pode-se dizer, portanto, que a edição de *La Mort du Roi Gormond*, preparada por Auguste Scheler, é uma nova transcrição do manuscrito apógrafo único, e que nela se corrigem as más leituras do editor anterior. Essa nova transcrição, que não sabemos se adere ou não de fato à letra do manuscrito por falta de informação sobre os critérios adotados para fazê-la, foi criticada por Gaston Paris em resenha publicada em *Romania em 1876* (PARIS, 1876, p. 377-381). Nela, Gaston Paris nos diz que o manuscrito fora bem lido por seu primeiro editor, Reiffenberg, e que as correções aduzidas por Auguste Scheler dizem respeito quase sempre à "disposição das palavras, letras dobradas – u, v, i, j – e pontuação", havendo, por outro lado, neste novo texto editado muitas *méprises*, algumas graves, que comprometem o seu estabelecimento. O que Gaston Paris critica nessas edições baseadas em um único testemunho é a falta de critérios objetivamente especificados, a que posteriormente aderiria o editor, havendo um descompasso quase "sistemático" entre uns poucos princípios propostos como balizadores do fazer editorial e a prática propriamente ecdótica.

Nos anos imediatamente posteriores à publicação da edição da *Vie de Saint Alexis*, por Gaston Paris, é possível deparar-se com edições que, sem adotar completamente o metodismo parisino, acabam por se apropriar apenas de parte do procedimento de *restitutio* que o método implica, havendo, por conseguinte, a par de uma total falta de restituição de lições, *restitutio linguae*, o

³⁹ "dans la dépendance de son auditoire; car elle n'a pas encore des lecteurs: le poète chante ou recite ses vers, et se trouve par conséquent en contact immédiat avec son public".

que, para Gaston Paris, seria um contrassenso, pois ambos os procedimentos visavam a recuperar a genuinidade do texto editado.

Na edição de *La Vida de Sant Honorat*, por exemplo, publicada em 1874, seu editor, A.-L. Sardou, após afirmar que a tradição textual do poema supracitado é constituída de sete ou oito cópias manuscritas, diz-nos que utilizará apenas três delas para a fixação do texto, tendo selecionado como manuscrito de base o que denomina "A", pertencente ao professor da *École de Chartes*, Guessard. Esse mesmo manuscrito fora empregado por Raynouard quando da composição de seu *Lexique Roman* (SARDOU, 1874, p. 6), o que parecia autorizá-lo. Além de ter sido utilizado por um dos mais eminentes filólogos do século XIX para a composição de uma das obras fundantes da filologia românica, esse manuscrito, "A", era o mais antigo dentre os três selecionados por A.-L. Sardou, acrescentando-se à sua antiguidade o mérito de ter sido um exemplar da *Bibliothèque de Lérins*, local ligado à composição da *Vida de Sant Honorat* (SARDOU, 1874, p. VI). Os dois outros manuscritos utilizados para a fixação do texto, ambos pertencentes à *Bibliothèque Nationale*, cujas quotas eram então 13509 e 24954, e cujas siglas na edição de A.-L. Sardou eram respectivamente B e C, serviram como fornecedores de "variantes importantes", sem que se possa determinar quais foram elas e como foram de fato empregadas por esse filólogo, a não ser nos casos em que deles, dos testemunhos B e C, foram extratadas centenas de versos que faltavam no testemunho A e que foram jungidas ao texto deste manuscrito a partir do ponto em que ele termina:

Os manuscritos B e C nos forneceram um certo número de variantes importantes: e eu me apropriei do manuscrito B, quase da mesma idade do manuscrito A, cerca de mil e duzentos versos que faltam ao final daquele, porque o tempo fez com que se soltassem as últimas folhas dele (SARDOU, 1874, p. VI).⁴⁰

Embora diga que o manuscrito de base é verdadeira obra-prima de caligrafia, o escriba que o copiou, como era praxe em seu tempo, não empregou o apóstrofo, nem sinais de pontuação, o que cumpre ao editor suprir; do mesmo modo, não há distinção no manuscrito de base entre *u* e *v*, ou entre *i* e *j*, diferenciação que cabe ao editor marcar palavra a palavra. Há casos em que o escriba uniu em um único aglomerado unidades lexicais que é preciso destacar (SARDOU, 1874, p. XV). Quanto à ortografia, que A.-L. Sardou reconhece como extremamente variável, tanto nos domínios da *langue d'Oc* quanto nos da *langue d'Oïl*, procurou respeitá-la, sempre que possível, considerando-se as formas diversas dos vocábulos que se nos apresentam nos

⁴⁰ Les manuscrits B et C m'ont fourni un certain nombre de variantes importantes; et j'ai pris moi-même sur le manuscrit B, à peu près du même âge que le ms. A, près de douze cents vers qui manquent à la fin de celui-ci, parce que le temps en a fait tomber les dernier feuillets.

três manuscritos utilizados para a fixação do texto. Mas o que convém entender por respeitar a variação ortográfica dos testemunhos utilizados para editar o texto? A partir da página XVII da apresentação, A.-L. Sardou se detém longamente na exposição de seção de livro de Raynouard, por nós já comentada, em que o filólogo francês se ocupa da distinção em *ancien français* entre caso sujeito e caso objeto. A.-L. Sardou, seguindo Raynouard, advoga a existência dessa mesma distinção para os textos poéticos em *langue d'Oc*, e sumaria da forma que segue a marcação da oposição casual *sujet/régime* nos números singular e plural, oposição essa evidente no texto por ele editado, o que implica, é claro, a uniformização ortográfica pelo menos no que concerne à parte dos vocábulos em que se torna evidente a distinção casual-numérica:

Em primeiro lugar, é indispensável conhecer a regra do “s”: eis aqui em que ela consiste e como Raynouard a apresentou:

1. No singular, o “s” final, unido a todos os substantivos masculinos e à maior parte dos substantivos femininos terminados em “a”, indica que eles foram empregados como sujeitos (*sujet*); e a ausência de “s” indica que eles eram empregados como objetos (*régime*) diretos ou indiretos.
2. No plural, os sujeitos não recebiam o “s”, que, ao contrário, era unido aos objetos diretos ou indiretos.
3. Os nomes femininos em “a”, sujeitos ou objetos, não recebiam nunca no singular o “s” final, e o admitiam sempre no plural.
4. Os substantivos que originalmente terminavam em “s”, o conservavam seja no singular, seja no plural, como, por exemplo, *temps*, *temps*, *vers*, *vers*.

A par dessa regra, havia, contudo, uma forma particular, que distinguia no singular o sujeito e o objeto de alguns substantivos masculinos. Esses substantivos recebiam ao final *aire*, *eire*, *ire*, como sujeitos no singular: *trobaire*, *troubadour*; *bateyre*, *batteur*; *servire*, *serviteur*; e o final *ador*, *edor*, *idor*, como objetos diretos ou indiretos no singular, e como sujeitos ou objetos no plural: *trobador*, *batedor*, *servidor*. O “s” não se reunia jamais a esse tipo de substantivo no singular, porque a terminação era suficiente para distinguir o sujeito em *aire*, *eire*, *ire*, do objeto direto ou indireto que era sempre em *ador*, *edor*, *idor*, mas no plural, que tinha sempre esta última desinência, o “s” marcava as duas espécies de caso objeto (SARDOU, 1874, p. 17)⁴¹.

⁴¹ En premier lieu, il est indispensable de connaître la règle de l's: voici en quoi elle consiste et comment Raynouard l'a présentée:

1. Au singulier, l's finale attaché à tous les substantifs masculins, et à la plupart des substantifs féminins terminés autrement qu'en a, indique qu'ils étaient employés comme sujets; et l'absence de l's, qu'ils étaient comme régimes directs ou indirects.
2. Au pluriel, les sujets ne recevaient pas l's, qui, au contraire, s'attachait aux régimes directs ou indirects.
3. Les noms féminins en a, sujets ou régimes, ne recevaient jamais au singulier l's finale, et l'admettaient toujours au pluriel.
4. Les substantifs qui originairement se terminaient en s, la conservaient soit au singulier, soit au pluriel, comme ops, *besoin*; *temps*, *temps*; *vers*, *vers*.

Concurremment avec cette règle, il existait toutefois une forme particulière qui faisait distinguer, au singulier, le sujet et le régime de quelques substantifs masculins. Ces substantifs reçurent la finale *aire*, *eire*, *ire*, comme sujets au singulier: *trobaire*, *troubadour*; *bateyre*, *batteur*; *servire*, *serviteur*; et la finale *ador*, *edor*, *idor*, comme

Há, portanto, *restitutio linguae* sem que haja a necessária e complementar *restitutio textus*; e haveria mérito e pertinência metodológica em restituir a língua sem restituir o texto?

Em resenha ao livro, escrita por Paul Meyer, e publicada em *Romania*, este critica severamente a edição preparada por A.-L. Sardou, atendo-se aos seguintes defeitos editoriais: 1) o uso de apenas três testemunhos para a constituição do texto editado, quando há pelo menos nove manuscritos conhecidos; 2) uso dos dois manuscritos da *Bibliothèque Nationale* apenas para calafetar o texto lacunoso do ms. A; 3) escolha do manuscrito de base de modo fortuito, sem que a seleção se desse após colação detida de todos os testemunhos constituintes da tradição; 4) leitura faltosa dos três mss. utilizados para a constituição do texto, havendo não apenas *leçons fautives*, mas muitas ainda *inintelligibles*; 5) notas numerosas, mas elementares, e explicações errôneas (MEYER, 1876b, p. 237-251). Como se vê, a crítica incide sobretudo sobre a falta de *collatio* sistemática e completa, *selectio* e *constitutio textus*, conquanto nada se diga da incongruência por nós acima apontada.

Essa prática de edição, que se mostra ainda assistemática, perdurará ainda por alguns anos, a par da crescente intromissão da prática filológica parisina, que acabará por triunfar, como veremos na segunda parte deste estudo.

REFERÊNCIAS

BONNARDOT, François. Essai de classement des manuscrits des Loherains suivi d'un nouveau fragment de Girbert de Metz. In: **Romania**, recueil trimestriel consacré à l'étude des langues et des littératures romanes, publié par Paul Meyer et Gaston Paris, vol. III, 1874, p. 195-262.

DELISLE, L. Notes sur les poésies de Baudri, Abbé de Bourgueil. In: **Romania**, recueil trimestriel consacré à l'étude des langues et des littératures romanes, publié par Paul Meyer et Gaston Paris, Paris, vol. I, 1872, p. 23-25.

GAUTIER, Léon. **La Chanson de Roland**. Texte critique accompagné d'une introduction historique. Tours: Alfred Mame et Fils, 1872.

GRÖBER, Gustav. **La Chanson de Roland d'après le Manuscrit d'Oxford**. Strasbourg: Heitz & Mündel, s/d.

régimes directs ou indirects au singulier, et comme sujets ou régimes au pluriel: *trobador*, *batedor*, *servidor*. L'*s* ne s'attachait jamais à ces sortes de substantifs au singulier, parce que la terminaison suffisait pour distinguer le sujet en *aire*, *eire*, *ire*, du régime direct ou indirect qui était toujours en *ador*, *edor*, *idor*; mais au pluriel, qui avait toujours cette dernière désinence, l'*s* marquait les deux espèces de régimes.

JEAN, sire de Joinville. **Histoire de Saint Louis, Credo, et Lettre à Louis X.** Texte original, accompagné d'une traduction par M. Natalis de Wailly, membre de l'Institut. Paris: F. Didot, 1874.

MEYER, Paul. **Les derniers troubadours de la Provence.** D'après le Chansonnier donné à la Bibliothèque Impériale par M. Ch. Giraud. Paris: Librairie A. Franck, 1871.

MEYER, Paul. Tersin, tradition arlésienne. In: **Romania**, recueil trimestriel consacré à l'étude des langues et des littératures romanes, publié par Paul Meyer et Gaston Paris, Paris, vol. I, 1872, p. 51-68.

MEYER, Paul. De l'influence des troubadours sur la poésie des peuples romans. In: **Romania**, recueil trimestriel consacré à l'étude des langues et des littératures romanes, publié par Paul Meyer et Gaston Paris, Paris, 1876a, Paris, Librairie A. Franck, p. 257-268.

MEYER, Paul. Resenha a La Vida de Sant Honorat, legende en vers provençaux par Raymond Féraut, troubadour niçois du XIII^e siècle, publiée pour la première fois en son entier par les soins et aux frais de la Société des lettres, sciences et arts des Alpes-Maritimes, avec de nombreuses notes explicatives, par M. A.-L. Sardou. Nice: Caisson et Mignon, s.d. {1875}, in-8°, XX-214 p. In: **Romania**, recueil trimestriel consacré à l'étude des langues et des littératures romanes, publié par Paul Meyer et Gaston Paris, Paris, 1876b, Paris, Librairie A. Franck, pp. 237-251.

MICHEL, Francisque. **La Chanson de Roland ou de Roncevaux du XII^e siècle.** Publié pour la première fois d'après le manuscrit de la Bibliothèque Bodléienne à Oxford par Francisque Michel. Paris: Silvestre Libraire, 1837.

MÜLLER, Theodor. **La Chanson de Roland.** Göttingen: Verlag, 1863.

PARIS, Gaston. Romani, Romania, Lingua Romana, Romancium. In: **Romania**, recueil trimestriel consacré à l'étude des langues et des littératures romanes, publié par Paul Meyer et Gaston Paris, Paris, vol. I, 1872a.

PARIS, Gaston. **La Vie de Saint Alexis.** Poème du XI^e siècle et renouvellements des XII^e, XIII^e et XIV^e siècles publiés avec préface, variantes, notes et glossaire par Gaston Paris et Léopold Pannier. Paris: Librairie A. Franck, 1872b.

PARIS, Gaston. Resenha a "Jean, sire de Joinville. Histoire de Saint Louis, Credo, et Lettre à Louis X, texte original, accompagné d'une traduction par M. Natalis de Wailly, membre de l'Institut. Paris: F. Didot, 1874, gr. In-8°, XXX-690. In: **Romania**, recueil trimestriel consacré à l'étude des langues et des littératures romanes, publié par Paul Meyer et Gaston Paris, Paris, 1874, Paris, Librairie A. Franck, p. 401-413.

PARIS, Gaston. Resenha a "Les Enfances Ogier, par Adenès li Rois, publié pour la première fois et annoté par M. Aug. Scheler. Bruxelles, Closson, Muquardt, 1874; Li Romans de Berte aus grans piés, par Adenès li Rois, publié avec notes et variantes par M. Aug. Scheler. Bruxelles, Closson, Muquardt, 1874; e Bueves de Commarchis, par Adenès li Rois, chanson de geste publié avec notes et variantes par M. Aug. Scheler. Bruxelles, Closson, 1874b. In: **Romania**, recueil trimestriel consacré à l'étude des langues et des littératures romanes, publié par Paul Meyer et Gaston Paris, Paris, 1876a, Paris, Librairie A. Franck, p. 115-119.

PARIS, Gaston. Resenha a La Mort du Roi Gormond, fragment unique d'une chanson de geste inconnue, conserve à la Bibliothèque Royale de Belgique, reeditée littéralement sur l'original et annoté par M. Auguste Scheler. Bruxelles, Olivier, 1876, in-8°, 54 p. In: **Romania**, recueil trimestriel consacré à l'étude des langues et des littératures romanes, publié par Paul Meyer et Gaston Paris, Paris, 1876b, Paris, Librairie A. Franck, p. 377-381.

RAYNOUARD, M. **Éléments de la grammaire de la langue romane avant l'an 1000, précédés de recherches sur l'origine et la transformation de cette langue**. Paris: Firmin Didot, 1816a.

RAYNOUARD, M. **Grammaire romane, ou grammaire de la langue des troubadours**. Paris: Firmin Didot, 1816b.

SARDOU, A.-L. La **Vida de Sant Honorat**. Légende en vers provençaux par Raymond Féraud, troubadour Niçois du XIII^e siècle, publiée pour la première fois en son entier par les soins et aux frais de la Société des Lettres, Sciences et Arts des Alpes-Maritimes. Avec de nombreuses notes explicatives par M. A.-L. Sardou. Nice: Caisson et Mignon, 1874.

SCHELER, Auguste. **Li Romans des Eles par Raoul de Houdenc**, publié pour la première fois en entier, d'après un manuscrit de Turin, et accompagné de variantes et de notes explicatives par M. Auguste Scheler. Bruxelles: Muquardt, 1868.

SCHELER, Auguste. **Les enfances Ogier, par Adenés Li Rois**. Poème publié pour la première fois d'après un manuscrit de la Bibliothèque de l'Arsenal et annoté par M. Auguste Scheler. Bruxelles: Closson/Muquardt, 1874a.

SCHELER, Auguste. **Li Roumans de Berte aus Grans Piés**, par Adenés Li Rois. Poème publié, d'après le manuscrit de la Bibliothèque de l'Arsenal, avec notes et variantes par M. Auguste Scheler. Bruxelles: Closson/Muquardt, 1874b.

SCHELER, Auguste. **Bueves de Commarchis par Adenés Li Rois**. Chanson de Geste publiée pour la première fois et annotée par M. Auguste Scheler. Bruxelles: Closson, 1874c.

SCHELER, Auguste. **La Mort du Roi Gormond**. Fragment unique d'une chanson de geste inconnue, conservé à la Bibliothèque Royale de Belgique réédité littéralement sur l'original et annoté par M. Auguste Scheler. Bruxelles: Olivier, 1876, p. 6-7.

WAILLY, Natalis. **Histoire de Saint Louis par Joinville**. Texte rapproché du français moderne et mis à la portée de tous par M. Natalis de Wailly. Paris: Hachette, 1865.

WAILLY, Natalis. **Oeuvres de Jean Sire de Joinville comprenant: l'Histoire de Saint Louis, le Credo et la Lettre à Louis X**, avec un texte rapproché du français moderne mis en regard du texte original, corrigé et complété à l'aide des anciens manuscrits et d'un manuscrit inédit par M. Natalis de Wailly. Paris: Adrien Le Clere et Cie Libraires, 1867.

WAILLY, Natalis de. **Histoire de Saint Louis par Jean Sire de Joinville suivie du Credo et de la Lettre à Louis X**. Texte ramené à l'orthographe des chartes du Sire de Joinville et publié pour la Société de l'Histoire de France par M. Natalis de Wailly. Paris: Jules Renouard, 1868.

WAILLY, Natalis de ; JEAN, sire de Joinville. **Histoire de Saint Louis, Credo, et Lettre à Louis X**. Texte original, accompagné d'une traduction par M. Natalis de Wailly, membre de l'Institut. Paris: F. Didot, 1874a.

WAILLY, Natalis de. Lettre à M. Gaston Paris sur le texte de Joinville. In: **Romania**, 1874b, Paris, Librairie A. Franck, p. 487-493.

Recebido em dezembro de 2024.

Aprovado em maio de 2024.

Publicado em 17 de agosto de 2024.

SOBRE O AUTOR

Marcello Moreira é doutor em Literatura Brasileira pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Destacam-se, entre suas publicações, *Crítica textualis in caelum revocata? Uma proposta de edição e estudo da tradição de Gregório de Matos e Guerra*. São Paulo: Edusp, 2011, ganhador do Prêmio Jaboti de 2012, e *Para que todos entendais. Poesia atribuída a Gregório de Matos e Guerra. Letrados, manuscritura, retórica, autoria, obra e público na Bahia dos séculos XVII e XVIII*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, em coautoria com João Adolfo Hansen, vencedor do Grande Prêmio da Crítica da APCA, 2014, e indicado ao Prêmio Jaboti. Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, onde atua nos cursos de Graduação de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB.